

Conferência “O CORPO EM MUTAÇÃO”¹

por

Pedro Manuel-Cardoso

Resumo: O *Ser-Humano* tem sido explicado pela Ciência ora como um ser “*químico e biológico*”, ora como um ser “*social e cultural*”. Esse dualismo conduziu ao impasse criado pelas dicotomias Natureza/Cultura e Indivíduo/Sociedade, hoje, novamente repetidas por D.Sperber-P.Descola-T.Ingold-B.Latour e outros. Porém, os avanços no conhecimento vieram questionar essa dualidade que a Antropologia não soube resolver. E desafiam a pergunta de Kant fundadora da Antropologia: “*o que é o Ser-Humano?*”. Esta Conferência procura responder à pergunta: «*A atual mutação do Corpo-Humano por efeito da Ciência muda o conceito de Ser-Humano?*». A resposta interfere com a atual Teoria da Evolução Humana, e questiona a *Adaptação* darwinista enquanto argumento explicativo.

Palavras-chave: Antropologia, Corpo Humano, Evolução.

Abstract: The human being has been explained by science, as a “*chemical and biological*,” or as a “*social and cultural*”. This dualism has led to the impasse created by the Nature/Culture dichotomy and Individual/Society, today, again repeated by D.Sperber-P.Descola-T.Ingold-B.Latour and others. However, advances in knowledge have come to question this duality that anthropology did not know how to solve. And challenge the question Kant founder of Anthropology: “*what is being human?*”. This Conference seeks to answer the question: «*The current mutation of Human body by science changes the concept of human being?*». The response interferes with the current Theory of Human Evolution, and questions the Darwinian Adaptation while explanatory argument.

Keywords: Anthropology, Evolution, Human Body.

CONFERÊNCIA

1. Doravante a ANTROPOLOGIA talvez deva «*analisar todos esses Corpos que o Ser-Humano habitou e usou na Filogenia no seu Conjunto*», e comparar e classificar as suas características a partir «*daquilo que os impele a todos de dentro*», e não através da *Adaptação* como tem sido feito até agora. Não deve cair nesse erro, de tomar as «*táticas*» conjunturais de sobrevivência pela «*estratégia*». Não deve escolher a *Adaptação* em detrimento da *Transformação*. Razão pela qual, às

¹ Em 3 Dez. 2016, 14h30, na Fundação Engenheiro António de Almeida (Rua de Tenente Valadim, 325, Casa-Jardim, Porto), organizada pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAEE).

variáveis da teoria darwinista e epigenética da evolução (“*Varição – Adaptação – Seleção*”) proponho que se acrescente uma quarta, a *Transformação*. Porque é isso que os *dados* da observação empírica e do raciocínio analítico exigem.

2. A «*Estratégia*» – aquilo que impele o *Ser-Humano* de dentro – é a *TRANSFORMAÇÃO*. É a procura da *substância* ou da *casa* (corpo) que «*subsistirá a todas as outras*». Aquela que não «*morrerá*» por causa das *outras* (sejam infinitamente pequenas ou grandes, tenham muita ou pouca energia), logo, uma *casa* (corpo) que não necessitará de «*renascer*» ou de «*reincarnar*» outra vez.

3. O *Ser-Humano* é impelido *de dentro* nessa busca. Razão pela qual, *de fora*, o vemos num *comportamento transformativo*, tumultuoso e intempestivo, face a tudo que o rodeia. Misturando e re-misturando todas as substâncias e tipos de matéria (físicas, químicas, biológicas, sociais, culturais) de que cada Contexto e Ecologia são feitos. Um autêntico e frenético vai-e-vem de re-materializações, re-substanciações, e re-misturações. Etnograficamente, essa é a *condição humana* mais evidente. A que mais releva na observação empírica por quem se dedica à Antropologia. A que especifica mais o *Ser-Humano* nas suas *experiências sensoriais e existenciais concretas*.

4. Esta Conferência sugere à Investigação que procure onde está em «*cada casa incompleta e não-definitiva*» (chame-se-lhe: *objeto, corpo, artefacto, casa, sociedade, símbolo*) «*a marca desse desejo da «casa final» ou do «corpo final»*. Porque é nela que está o *corpo-do-ser-humano*, e, conseqüentemente, o *objeto-da-antropologia*. Porque o «*corpo-do-ser-humano*» não é, nem pode ser reduzido, ao «*corpo do atual homo sapiens sapiens*». O objeto da Antropologia é um corpo físico (e não metafísico) ainda não encontrado.

5. É esta *mudança-de-caminho* (que designámos por: «*Sete Exigências Metodológicas para Re-iniciar a Antropologia*») que propomos nesta Conferência. Porque só desse modo conseguirá construir as ferramentas analíticas necessárias ao estudo do *Ser-Humano*. Foi isso que nos permitiu discernir a «*Estrutura da Relevância codificada no cérebro*», a classificação dos «*9 Grandes Tipos de Comportamento Humano*», e a «*Matriz do Agir Humano*» com a formulação da respetiva «*Equação*» [Ge.(Mo.Fi.Ag.II.Mi.Al.Lu.Pa)/Ep.Tp.], e outros resultados que estão no desdobrável e no *PowerPoint*.

6. Os avanços e mutações no *Saber Antropológico* conduzem-nos a um novo tempo e a um *novo paradigma do Conhecimento*. Em que a palavra *Ser-Humano* deixa de ser um *substantivo* e passa a ser um *adjectivo*... de *algo* – um *fenóme-*

no – que desconhecemos ainda mais do que julgávamos. E que começámos, num primeiro momento, por causa dos nossos limites humanos de discernimento, por lhe chamar «Ser-Humano».

7. O *Corpo-Humano que atualmente nos serve de Suporte*, e que desde sempre constituiu o *objeto* da Biologia, já não nos serve de *referência* para conseguirmos responder à pergunta de Kant fundadora da Antropologia: “*O que é o Ser-Humano?*”. Renovada hoje pela pergunta de Kantor e de Wheeler: “*Vimos da Coisa ou da Informação?*”.

8. O *Ser-Humano*, enquanto objeto da Antropologia, passa a ser concebido como um *fenómeno* que poderá germinar tanto noutros «Seres ditos Vivos» como, até, em «*Objetos ditos inertes*». Provavelmente a uma Escala diferente, com um Corpo diferente daquele a que hoje chamamos «corpo do *sapiens sapiens*» ou «corpo humano».

9. É um novo ponto-de-partida. Que exige (tanto à Ciência como à Consciência-de-Nós) sermos capazes de mudar a *anterior visão-do-mundo* e o *atual conceito de Corpo*.

10. Há ainda uma *conclusão final*. Mas essa é uma *conclusão impronunciável*. Não se pode *dizer*. É do foro das condições epistemológicas inerentes ao próprio processo de Conhecimento, e à própria condição ontológica do ser-aqui-e-agora. Deriva da “*indecidibilidade*” que K. Gödel discerniu em 1931, de que só uma premissa exterior ao Observador e à Coisa permite decidir sobre a *verdade* ou a *falsidade* de qualquer resultado do Conhecimento humano. Ora isso exige uma *Transformação* naquilo que *hoje* designamos por «*Ser-Humano*». Era preciso estar lá, nesse lugar-transformado, ao qual ainda não chegámos. Sermos isso que ainda não somos. Ora isso é impossível antes. Logo, não se pode pronunciar daí, desse lugar que ainda não *nos* aconteceu. Apenas imaginando-o o podemos conceber, mas isso não é automaticamente termos conseguido *transformarmo-nos*. Está escrita nas *Notas* e no *slide n.º 51* da projeção em *PowerPoint* que acompanhou a apresentação desta Conferência (e que podem ser pedidas pessoalmente ao autor).

11. As reações a esta Conferência foram violentas. O primeiro comentário que fizemos foi de que esta Conferência não é o Mundo. Nenhuma Verdade científica é absoluta ou definitiva. É apenas mais uma *Interpretação*. Apenas mais uma *Ficção*, que modifica a anterior. Foi por isso que comecei a Conferência com a Epígrafe que está no parágrafo 23.

12. Porém, nas reações mais violentas é importante verificar, do ponto de vista científico, de onde surgem as principais resistências. Elas foram essencialmente duas. **Por um lado**, os darwinistas (naturalistas, bio-antropológicos, sociobiológicos, ecologistas, filogenéticos, epigenéticos, teorias «gene-cultura», etc. Isto é, todos os que adoptaram a *Adaptação* darwinista como mecanismo explicativo do *objeto-da-Antropologia*, ou *Ser-Humano*. **Por outro lado**, uma parte das *Igrejas institucionais* (que é um domínio completamente diferente do da Religiosidade humana). Porque para os mais apressados terei profanado a «ressurreição». Já tive esse sinal, da parte de alguns de uma Diocese; enquanto outros, na mesma Igreja, e exatamente ao contrário, se regozijam por o *Ser-Humano* não depender das «Mutações do Corpo», tal como está escrito na palestra de Paulo aos Coríntios, embora isso coloque em causa o *pecado* decretado oficialmente em 2008 pela Santa Sé, de que a “*mutação genética é um pecado capital*”. Portanto, foi necessário muita prudência e serenidade.

13. As repercussões desta Conferência são várias.

14. Na ARQUEOLOGIA altera o modelo vigente sobre a explicação da passagem do Paleolítico Superior para o Neolítico, mostrando uma adequação muito melhor aos factos e aos vestígios materiais recolhidos (ver as discrepâncias entre o modelo vigente e os vestígios arqueológicos, apresentadas por Sérgio Monteiro Rodrigues em 3dez2016 na mesma Conferência da SPAE sobre “*O processo de neolitização do Norte de Portugal: o contributo do sítio arqueológico do Prazo na Vila Nova de Foz Côa*”). O difusionismo e as explicações baseadas nos contactos e empréstimos/miscigenações culturais perdem algum folego face às **capacidades transformativas autónomas das populações autóctones**. O que resolve as imensas discrepâncias que se verificam atualmente entre os vestígios materiais e as camadas estratigráficas. Porque a *Transformação* realizada pelas populações e grupos humanos na Ecologia/Ambiente/Contexto (a tal 4.^a Variável) processa-se através de «*Níveis e Graus de Complexidade*» que são comuns ao *fenómeno que se designa por «Ser-Humano»*, logo, independentemente da *Adaptação*, da descontinuidade geográfica, ou dos contactos/empréstimos/miscigenações.

15. Na PALEONTOLOGIA, as passagens e cruzamentos entre as diferentes espécies (corpos) de *Homo* (*H. erectus*, *H. habilis*, *H. Neandertal*, *H. sapiens*) ficam melhor explicadas. A «genética das populações» e o «pool genético» não chega para explicar as transformações e as adaptações. Por causa da mesma razão derivada do *efeito* do processamento provocado pela 4.^a Variável («*Transformação*»).

16. Na SOCIOLOGIA e na HISTÓRIA questiona as explicações baseadas no Relativismo Cultural, de que é a *lógica exterior* de cada época/contexto que explica o *Ser-Humano*. Desaparecem as tautologias vigentes, por exemplo, que o Psicológico se explica pelo «comportamento», a Sociedade pelo «social», e a Cultura pelo «cultural».

17. Na ETNOGRAFIA, sobretudo na *Etnografia dos Factos Sociais e Culturais Contemporâneos* (após o cérebro e a cognição terem ampliado os *1395cc* com implantes e máquinas), essa adequação aos *dados empíricos* ainda é maior.

18. No PATRIMÓNIO, porque interfere com a substância daquilo que é a *Relevância* e, conseqüentemente, na Patrimologia (também designada por «Museologia»). Uma das repercussões mais interessantes é a de proporcionar a construção de uma Relevância (um Património, um Museu) que permita construir uma nova Identidade capaz de resolver os problemas de perda de Identidade derivados da hibridação, multiculturalismo, mestiçagem, transnacionalismo, luta de género, etc. No projeto da *Casa da Cultura do Olimpismo* que me pediram para coordenar isso é feito através de uma metodologia e de uma concepção baseada no *mecanismo antropológico do Jogo*.

19. Na ARTE, volta a reacender o debate que parecia resolvido no seio da História e Filosofia da Arte. Entre, por um lado, os que defendem que deve ser explicada pela “*forma estética*” (C. Bell), pela “*expressão e sentimento estético*” (R.G. Collingwood), ou pela “*essência ou estrutura do invisível estético-artístico*” (Nietzsche, Adorno, Heidegger, W. Benjamin, M. Mandelbaum, J. Lichtenstein). Por outro lado, os que, ao contrário dos primeiros, recusam as definições baseadas na “*essência*”, no “*impulso estético*”, ou em “*propriedades universais do estético, do belo, ou do sublime*”, e adoptam, ou o conceito de “*semelhanças de família*” (Wittgenstein, Weitz), ou os conceitos de “*mundos-da-arte*” e “*contextos institucionais*” (Beardsley, Dickie, Danto, Stolnitz, Goodman), explicando-a na atualidade por «*um jogo de comunicação entre o autor e o recetor, e entre a coisa e a sociedade*». E ainda, num terceiro vértice do debate, pelos que explicam a Arte através da “*utilidade e função*” (Tolstoi), conduzindo-a a uma prática de «*transgressão sistemática das normas da Tradição ou do status quo*», ou, em que a originalidade da obra-de-arte «*deve ser medida pelo grau de indignação causada no recetor/consumidor/destinatário*», incluindo aí, portanto, os *óculos não-expostos* em 2016 por Kevin Nguyen no Museu de Arte Moderna de São Francisco (EUA).

20. E outras repercussões, na Filosofia e na Matemática, que não há tempo de agora referir.

21. Por detrás de todas estas repercussões está a mudança na *Teoria da Evolução* (que inclui a «teoria neo-darwinista» e a teoria «epigenética gene-cultura») que propus. É apenas uma mudança de Interpretação. Ou, melhor dito, de Ficção. Outras virão.

22. Não se trata de dogmas ou convicções *a priori*. Trata-se de Ciência. Portanto, inevitavelmente, sempre, da fragilidade e da efemeridade de argumentos, de verificações, de demonstrações empíricas, e de raciocínios analíticos.

23. O *Tempo* ajuizará o valor do contributo. Até lá, talvez fique apenas aquilo que escrevi na *Epígrafe* da Conferência:

1. “No início, uma nova teoria é atacada porque é absurda; depois, admite-se que é verdadeira, mas óbvia e insignificante; finalmente, é considerada tão importante que os seus adversários reclamam que foram eles próprios que a descobriram.” (William James, 1907, “A Pragmática da Verdade”)².

2. “Alguns dos meus críticos, dizem: «É um bom observador, mas não consegue raciocinar». Duvido, na medida em que a «Origem das Espécies» não é senão uma longa argumentação do princípio ao fim, e conseguiu convencer mais do que uma pessoa competente.” (Charles Darwin, 1887, *Autobiographie*)¹.

3. “A manipulação genética é pecado” (Santa Sé, Vaticano, 2008)⁶²

4. “Agora, para o melhor ou o pior, vivemos todos no mundo CRISPR*” (*Science*, 2015)³

[* CRISPR-Cas9 é o acrónimo de *Clustered Regularly Interspaced Short Palindromic Repeats / Repetições Palindrómicas Curtas Agrupadas e Regularmente Interespaçadas*], uma ferramenta molecular criada em 2012 que permite *cortar e colar* partes do genoma (ADN) de qualquer célula. Em 2015 foi considerada pela revista *Science* a principal descoberta científica do ano. Em 14 de setembro de 2016 foi tornada mais eficaz com a variante *iCas*]

24. As referências bibliográficas, as notas, e a projeção em *power-point* poderão ser pedidas pessoalmente ao autor. Contacto: mtty@mail.tmn.pt